

# O CAMPEÃO DA CORAGEM



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

CÉLIO

~~798~~  
Cx 13  
MANOEL D'ALMEIDA FILHO



# O CAMPEÃO DA CORAGEM

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na  
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50

FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

## O CAMPEÃO DA CORAGEM



Na caminhada poética,  
Já cansados da viagem,  
Em busca de novidade,  
Remexemos a bagagem  
Onde fomos encontrar  
"O Campeão da Coragem".

É uma história dramática  
De lutas, dores, gemidos,  
Onde um rapaz e uma jovem  
São totalmente envolvidos  
Por uma organização  
De uma corja de bandidos.

Um anúncio nos jornais  
Diz a trama dos infernos:  
"Firma de grande futuro,  
Com escritórios modernos,  
Precisa de vinte moças  
Para trabalhos internos".

"As candidatas precisam  
Ter boa apresentação,  
Escrever de próprio punho,  
Dando a sua pretensão,  
Mandar também uma foto,  
Rua, cidade e nação".

Agora veja o leitor  
Quem era essa firma dita,  
Composta de criminosos,  
Uma quadrilha maldita,  
Vivia exclusivamente  
De vender mulher bonita.

Pantera Negra era o chefe,  
Sem sentimentos morais,  
Dessa firma clandestina  
Que nos moldes mais brutais  
Traficava com escravas  
Nas feiras orientais.

O Pantera era um bandido  
Despido de compaixão,  
Parecia que não tinha  
Nem alma nem coração,  
Pesava noventa quilos,  
Rugia como um leão.

Vamos deixar o bandido  
Com o seu nefasto plano,  
E falarmos de dois jovens  
Que por sentimento humano,  
Foram cair enganados  
Nas tramas desse tirano.

Marluce, môça prendada,  
Formada em filosofia,  
Havia perdido os pais,  
Morava com uma tia  
Viúva, pobre, já velha,  
Que ajudá-la não podia.

A môça, por esse tempo,  
Era noiva oficial,  
Precisava de um emprêgo,  
No seu meio social,  
Para que assim pudesse  
Comprar o seu enxoval.

Era o noivo de Marluce,  
Evaristo, um operário,  
Trabalhava numa fábrica,  
Ganhando pouco salário,  
Porém estudava à noite  
Um curso de escriturário.

Enquanto os noivos pensavam  
Na sua felicidade,  
Chegava às mãos de Marluce  
Um diário da cidade,  
Com o anúncio fatídico,  
Trazendo a fatalidade.

Marluce lendo o anúncio,  
Ficou louca de alegria,  
Escreveu para o jornal,  
Mandou a fotografia,  
Porém nada disse ao noivo  
Daquilo que pretendia.

Dias passados, depois,  
Na porta dela parou  
Um automóvel de luxo  
De dentro dele saltou  
Um môço muito elegante  
Bateu na porta e chamou...

Marluce saiu correndo,  
Disse o rapaz, sem demora:  
— Trago ordem do patrão  
De levá-la mesmo agora  
Para tratar seu emprêgo,  
Tem que lá chegar na hora.

A tia havia saído,  
Marluce estava sózinha  
Porém nada suspeitou  
Porque maldade não tinha,  
Trocou de roupa e saiu  
Dizendo para a vizinha:

— Quando titia chegar,  
Peço fazê-la ciente,  
Diga que fui à cidade  
Tratar de um negócio urgente,  
Logo mais estou de volta  
Antes que o sol fique quente.

A môça entrou e sentou-se  
Naquele carro moderno,  
O môço escreveu o nome  
De Marluce num caderno,  
Ela jamais pensou que  
Seguia para um inferno.

Levando a pobre inocente,  
O carro "queimou" o chão,  
Com três horas de viagem  
Atravessou um portão,  
Depois adiante parou  
À porta de um casarão.

Marluce quando saltou  
Achou a casa esquisita  
Porém foi logo atendida  
Por uma mulher bonita  
Que de braço introduziu-a  
Naquela mansão maldita.

Passando portas que eram  
Depois de abertas, fechadas,  
Marluce entrou num salão  
Onde viu acorrentadas  
Várias môças que já tinham  
Sido também enganadas.

Vendo aquêlê quadro negro,  
 A môça tentou correr  
 Porém a mulher pegou-a  
 E disse para valer:  
 — Fique quieta, não reaja,  
 É melhor do que morrer!

Sentindo o braço apertado,  
 Marluce viu-se perdida,  
 Disse: — Emprêgo dêsse jeito,  
 É melhor perder a vida,  
 Nisso deu um ponta-pé  
 Na barriga da bandida.

A mulher foi cair longe  
 Mas, imediatamente,  
 Apareceram mais quatro  
 Mulheres de "sangue quente",  
 Partiram à môça dizendo:  
 — Vamos pegar a valente!

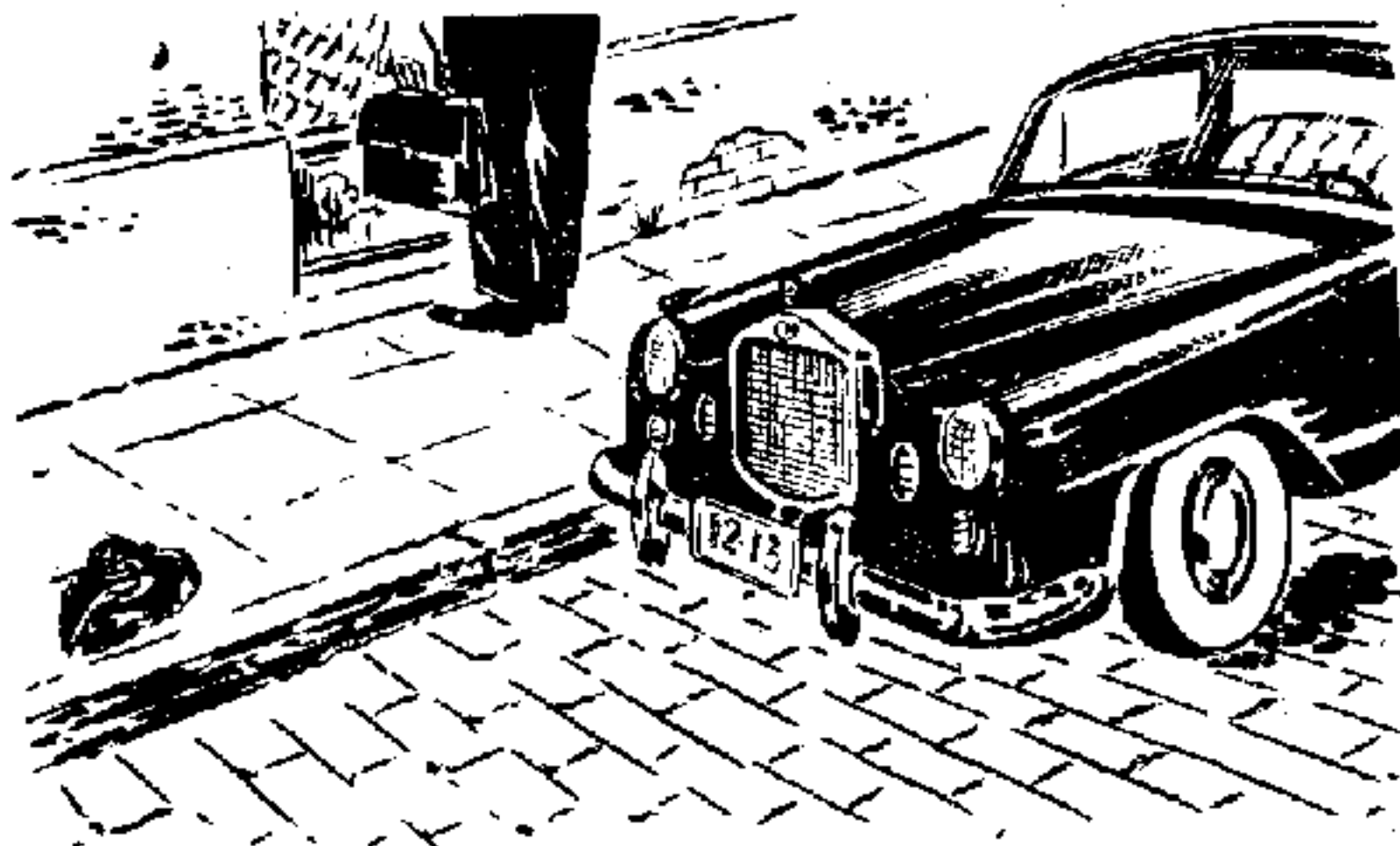
Marluce enfrentou às cinco  
 Como uma fera assanhada  
 Porém em poucos minutos  
 Estava muito cansada,  
 Pela fôrça bruta foi  
 Totalmente dominada.

Para acabar de acalmá-la  
 Uma deu-lhe uma injeção,  
 Marluce caiu dormindo,  
 Num recanto do salão,  
 Acordou-se acorrentada  
 Com um pé num argolão.

Depois uma das mulheres  
 Veio trazer-lhe a comida,  
 Deu-lhe tôda a explicação  
 Sôbre a sua nova vida  
 Que dali só sairia  
 Quando fôsse ser vendida.

Porém para que saísse  
 Daquela casa maldita  
 Devia se conformar,  
 Evitar qualquer vindita,  
 Só assim era zelada  
 Para se tornar bonita.

Porque o chefe da casa  
 Era um leão carniceiro,  
 Só queria môça bela  
 Que desse muito dinheiro,  
 Se ela não se sujeitasse  
 Morria no cativoiro.



Nesse instante no salão,  
Pantera Negra chegou  
Trazendo um grupo de môças,  
Uma por uma beijou,  
Mostrando às prisioneiras,  
Com voz de trovão falou:

Aqui estão estas môças  
Bem vestidas, bem tratadas,  
Gozando todo o conforto,  
De jóias ornamentadas,  
Cumprindo a ordem do chefe,  
Estas estão empregadas.

Para serem leiloadas,  
Brevemente seguirão,  
Quando cada uma irá  
Viver na sua mansão,  
Ser pela grande beleza  
Odalisca de um sultão.

As que não se sujeitarem  
Daqui jamais sairão,  
Como não podem fugir,  
Nas correntes morrerão,  
Depois serão penduradas  
Lá naquele outro salão!...

Dizendo assim apontou  
 Às duas portas fechadas  
 Que rapidamente abertas,  
 As môças viram assombradas  
 Esqueleto balançando  
 E caveiras penduradas.

Ali estão as que não  
 Quiseram o meu parecer,  
 Cada uma veja bem  
 O que pode acontecer...  
 Dois caminhos a seguir:  
 — Ser odalisca ou morrer!

Marluce pensou consigo:  
 Eu tenho que ficar mansa,  
 Enquanto estiver com vida,  
 Há um raio de esperança,  
 Talvez o destino venha  
 Fazer a minha vingança...

Assim pensando falou:  
 — Não quero saber da morte,  
 Aceito a minha missão,  
 Como qualquer mulher forte,  
 Quero navegar com vida  
 Nas ondas do mar da sorte.

Nisso o Pantera mandou  
 Levá-la ao primeiro andar,  
 Ficando entre as conformadas,  
 Onde passou a gozar.  
 Todo o conforto possível,  
 Para se recuperar.

Enquanto Marluce fica  
 Aparentando alegria,  
 Vamos saber o que há  
 Na casa de sua tia,  
 Porque a vizinha disse  
 Apenas o que sabia...

No meio da confusão,  
 Apareceu à noitinha  
 O mesmo rapaz do carro  
 Para levar a velhinha,  
 Segundo disse, a mandado  
 Do empregador da sobrinha.

Sem desconfiar da trama,  
 A velha foi enganada  
 Conduzida a um manicômio  
 Onde ficou internada  
 Para nunca mais sair,  
 Assim foi recomendada.

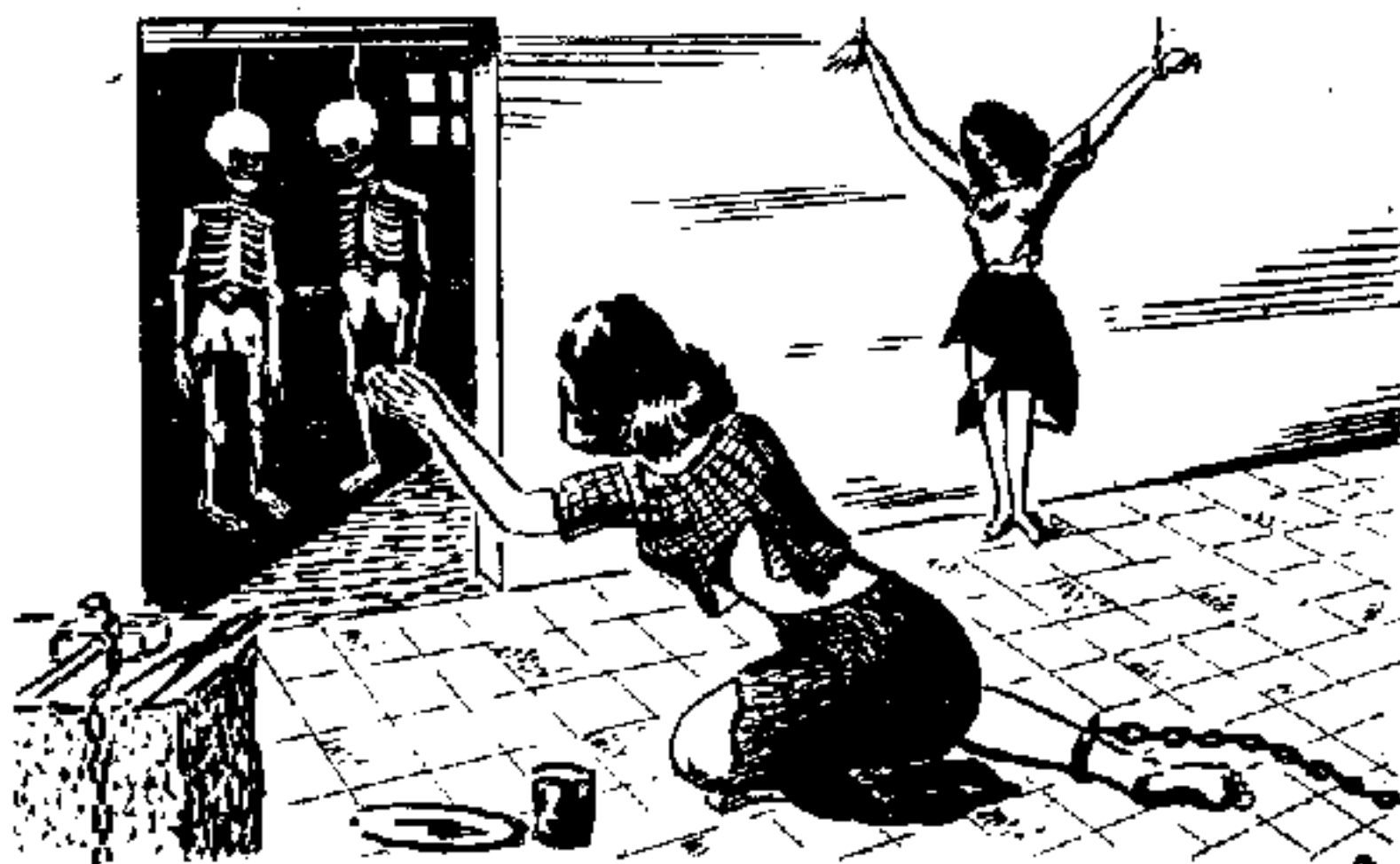


Era moda da quadrilha,  
Os parentes encontrados  
De tôdas as suas vítimas  
Eram logo eliminados,  
Secretamente seguros,  
Ou mortos ou internados.

A quadrilha tinha muitos  
Agentes sempre em ação,  
Em jornais e hospitais,  
Promovendo a confusão,  
Por êsse meio os seus crimes  
Ficavam sem punição.

Só no caso de Marluce  
O plano saiu errado,  
Porque a môça com medo  
Não falou do seu noivado  
Nem disse do jornal que  
Em casa tinha ficado.

Evaristo com saudade,  
Alegre, desprevenido,  
Foi lá visitar a noiva,  
Soube todo o acontecido  
Como a velha com Marluce  
Tinham desaparecido...



Quando a vizinha contou,  
Ele ficou intrigado...  
Forçou a porta e entrou,  
Achou um jornal dobrado  
Em cima de uma cadeira,  
Com um anúncio marcado.

Vendo o jornal, Evaristo  
Teve um mau pressentimento  
Que aquêlc anúncio marcado  
Era algum apontamento  
Com ligação no motivo  
Do desaparecimento...

Seu raciocinar bem,  
Foi direto à redação  
Perguntando o endereço  
Daquela organização  
Porque queria fazer  
Lá uma investigação.

Não procurando a policia,  
Agiu no papel de bôbo,  
Arvorado como quem  
Procura o ladrão de um roubo,  
Sem olhar onde pisava,  
Caiu na bôca do lôbo.

Dessa maneira Evaristo  
Seguindo a errada trilha,  
Sem saber, interpelou  
Um agente da quadrilha  
Que para pegar o "pato"  
Preparou a armadilha.

Evaristo interrogado  
Disse a que vinha ao bandido  
Que respondeu muito calmo:  
... Você vai ser atendido...  
Com todo o prazer será  
Satisfeito o seu pedido.

Saiu, deixando Evaristo,  
Entrou lá num reservado,  
Telefonou ao Pantera  
Dizendo: — "Pato pegado",  
Prepare a turma de choque  
Para mais um "batizado".

Voltando disse: — Aqui estou  
À sua disposição...  
Os dois entraram num carro,  
Partiram na ocasião,  
Com o bandido ao volante,  
Numa estranha direção.

Passando diversas ruas,  
O carro entrou numa pista,  
Deixando a cidade atrás  
Até perdê-la de vista,  
Entrou numa "provisória"  
Numa zona ruralista.

Atravessando cancelas,  
Surgiu longe um casarão  
Parecendo uma senzala  
Do tempo da escravidão  
O carro com Evaristo  
Parou em frente ao portão.

Saltando, o bandido disse:  
— A sua noiva lhe viu,  
Aguarda a sua chegada  
Desde que o carro partiu  
Com uma recepção  
Que você nunca assistiu.

Agora, veja o leitor,  
Qual era a recepção...  
Seis bandidos musculosos  
Esperavam no saguão,  
Em fila pelos dois lados  
Do corredor ao salão.

Para quando o moço entrasse  
Receber sem esperar  
Um festival de bofetes  
Até nunca mais falar...  
Vamos assistir a festa,  
Ver se ele pode escapar...

Passando pelo portão,  
Atravessaram o jardim,  
Chegando à porta, o bandido  
Disse a Evaristo assim:  
— Rapaz, entre logo que  
Vai começar o "festim".

Quando Evaristo botou  
A cabeça, recebeu  
O primeiro bofetão  
Porém quando a mão bateu,  
O bandido deu um grito,  
Baixou o braço e correu.

Porque na sombra do muro,  
O rapaz fez um volteio,  
Rebateu a bofetada,  
O sôco pegou em cheio,  
Quebrou a cana do braço  
Do bandido, bem no meio.

Quando o bandido correu  
Com o braço balançando,  
Cairam em cima do môço  
Os outros cinco gritando,  
Numa saraiva de murros,  
Com o rapaz revidando.

Recebendo as bofetadas,  
Vacilava e não caia,  
Pulando e se defendendo,  
Quando o seu braço batia  
No costado de um bandido,  
Ele no chão se estendia...

Quatro fora de combate  
Estavam no chão caídos,  
Só restavam dois lutando  
Porém bastante feridos,  
Quando o Pantera surgiu  
Para salvar seus bandidos.

Nesse momento, Evaristo,  
Quase morto de cansado,  
Recebeu um pescoção,  
Pelo Pantera, bem dado,  
Que rolou pelo salão...  
Totalmente desmaiado.

O Pantera Negra disse:  
— Esse rapaz é peitudo,  
Bateu seis homens treinados,  
Se eu não corro, não acudo,  
Dentro de poucos minutos,  
Ele acabava com tudo.

Chegou perto de Evaristo,  
Agora, fora de ação,  
Mandou a sua assistente  
Aplicar-lhe uma injeção  
Para dormir oito horas  
Sem recobrar a razão.

Porque dentro dêsse prazo  
Seria dado andamento  
Para o rapaz ser jogado  
Numa estrada em movimento  
Onde a morte aparentava  
Ser por atropelamento.

A meia-noite, num carro,  
Evaristo foi levado,  
No meio de uma estrada longe,  
Foi pôsto desacordado,  
Numa curva onde seria  
Fatalmente atropelado.

Enquanto o rapaz dormia  
Sôbre o leito da estrada,  
Do Alto a Justiça Eterna  
Olhava tudo acordada,  
A sua noiva Marluce  
Lá não sabia de nada.

Nisso um carro da policia,  
Com chofer capacitado,  
Em serviço nessa estrada,  
Entrou na curva freado,  
Súbitamente surgiu  
Um corpo em frente deitado.

Vendo, o motorista disse:  
— Valei-me meu Jesus Cristo!  
Fêz um movimento brusco,  
Pensando o que tinha visto,  
Parou o carro tocando  
Na cabeça de Evaristo!

O chofer e dois agentes,  
No mesmo instante saltaram,  
Do carro policial,  
Ao caído examinaram  
Como ainda estava vivo  
Para o hospital levaram.

Examinaram Evaristo  
Esculápios competentes  
Viram, além do massacre,  
Pelos vestígios recentes,  
Que êle estava adormecido  
Sob a ação de entorpecentes.

No outro dia apareceu,  
Nas manchetes dos jornais,  
Aquela notícia "bomba",  
Com fotos especiais,  
Faltando depoimentos  
E laudos periciais.

Apenas acrescentava:  
— "A justiça ninguém pilha,  
Existe forte suspeita  
Da ação de uma quadrilha,  
Pelo que tudo demonstra,  
A policia está na trilha".

As mãos de Pantera Negra  
Quando chegou a notícia,  
Trazida pelos jornais,  
Lá do hospital da policia,  
Ele viu que não devia  
Esperar mais a pericia...

Porque naquele hospital  
 Capanga seu não agia,  
 Quando Evaristo acordasse  
 Que dissesse o que sabia,  
 A policia em poucas horas  
 À corja descobriria.

Nesse mesmo dia à noite,  
 As escravas conformadas  
 Levadas às pressas foram  
 Rápida e embarcadas,  
 Num navio da quadrilha,  
 Como feras enjauladas.

O barco deixou a França  
 Levando a carga inocente  
 Para ser negociada  
 Nos mercados do Oriente,  
 A terra dos sultanatos  
 Onde se comprava gente.

Vamos deixar o navio  
 Levando as já conformadas  
 Para falarmos das outras  
 Que ficaram condenadas  
 A morrer de fome e sede,  
 Na senzala acorrentadas.

Lá ficaram estarecidas,  
 Quando o dia amanheceu,  
 O silêncio envolveu tudo,  
 Viva alma apareceu...  
 Até que o velho relógio  
 Doze badaladas deu...

Soltavam lamentações,  
 Aqui, ali, um gemido,  
 Soluço, choro abafado,  
 Sofrimento desmedido...  
 Tôdas pensavam consigo:  
 — Que teria acontecido?

A essa altura dos fatos,  
 O rapaz tinha falado,  
 Evaristo havia dito  
 Tudo como foi passado,  
 A policia vinha perto  
 Do solar abandonado.

As estradas tinham sido  
 Já tôdas interditadas,  
 Os quarteirões remexidos,  
 As fazendas vasculhadas,  
 Quando o casarão foi visto  
 Nas terras abandonadas.

Evaristo quando viu  
O solar abandonado  
Disse: — Foi naquela casa  
Onde fui seviciado  
Por seis bandidos até  
Que fiquei desacordado.

O portão foi pôsto abaixo,  
As portas arreventadas,  
Quando a polícia invadiu,  
No salão foram encontradas  
Dezoito môças chorando,  
Famintas, acorrentadas.

Libertadas, foram logo  
Levadas aos hospitais,  
Depois de recuperadas,  
Disseram aos policiais  
Tudo, tudo que sabiam  
Da quadrilha de chacais.

Noutro salão a polícia  
Achou ao teto agarrados  
Quarenta e seis esqueletos,  
Com arames amarrados,  
Todos de mulheres jovens,  
Balançando, pendurados.

Agora enquanto a polícia,  
De posse da informação,  
Procurava os criminosos,  
Na maior perseguição...  
A quadrilha em seu navio  
Seguia para Cantão...

Cantão, cidade chinesa,  
Naquele tempo passado,  
Paraíso dos piratas,  
Local do maior mercado  
Onde as môças belas tinham  
O preço mais elevado.

A quadrilha lá chegada,  
Na melhor das condições,  
Desembarcou as futuras  
Odaliscas dos sultões,  
Que dentro em breve seriam  
Levadas para os leilões.

Transações realizadas  
Em lugares clandestinos  
Onde as môças inocentes  
Tomavam novos destinos,  
Embora a polícia sempre  
Perseguisse os assassinos.

Vamos deixar os bandidos  
 Atracados numa ilha,  
 Quando Marluce sòzinha  
 Fêz tudo mudar de trilha,  
 Tocou fogo numa "bomba",  
 Espatifou a quadrilha...

Isso depois saberemos...  
 Vamos mudar de paragem  
 E sabermos de Evaristo  
 Como fêz uma viagem  
 Para nela conseguir  
 Ser campeão da coragem.

Depois iremos saber  
 Como Evaristo encontrou  
 A sua noiva Marluce  
 Que por um triz se salvou,  
 E como na maior luta  
 Do Pantera se vingou.

Enquanto a quadrilha era  
 Procurada em tôda a França,  
 Vários dias sem haver  
 Uma pequena esperança,  
 Evaristo projetava  
 A sua própria vingança.

Descobrindo que a quadrilha  
 Fugiu numa embarcação,  
 Evaristo resolveu  
 Ir de Nação em Nação  
 Até encontrar a noiva  
 E vingar sua paixão.

Para isso êle embarcava  
 Em navios estrangeiros,  
 Trabalhando disfarçado,  
 "Conversando" os marinheiros,  
 Saltando de pôrto em pôrto,  
 Buscando novos roteiros.

Dialetos, idiomas,  
 Com um pouco de perícia,  
 Praticamente aprendeu,  
 Sempre informando à polícia,  
 Porém o que procurava  
 Não tinha a menor notícia.

Já quase desenganado,  
 Resolveu ficar num pôrto,  
 Percorreu tôda a cidade,  
 Sem sossêgo, sem confôrto,  
 Sem trabalho, sem dinheiro,  
 Já de fome quase morto.



Uma tarde numa rua  
Avistou num casarão,  
Um letreiro numa placa  
Dando esta informação:  
"Academia de Boxe,  
Escola de Campeão".

Havia um homem na porta  
Dessa escola referida,  
A quem o rapaz contou  
Mais ou menos sua vida  
Dizendo estou sem dinheiro,  
Precisando de comida.

O homem vendo Evaristo  
Musculoso e muito forte,  
Apenas com muita fome,  
Disse: — Não pense na morte  
Porque desta vez você  
Agora encontrou a sorte.

Eu sou campeão de lutas,  
Um exímio professor,  
Ficando fora de forma,  
Transformei-me em treinador,  
Posso fazer de você  
Um leão demolidor.

O corpo que você tem  
Com poucos treinos eu faço  
Ficar forte e resistente,  
Tudo quanto sei lhe passo,  
Deixo-lhe a musculatura  
Muito mais forte que aço.

Isso caso você queira  
Seguir pelo meu roteiro,  
Posso fazê-lo no boxe  
Um campeão verdadeiro,  
Podemos enriquecer  
Ganhando muito dinheiro.

Evaristo disse: — Amigo,  
O seu convite é perfeito,  
Para não morrer de fome,  
Todo trabalho eu aceito,  
Depois da barriga cheia  
Iremos ver se tenho jeito.

Chamava-se Mustafá,  
Esse treinador valente,  
Havia sido no boxe  
Campeão no Oriente,  
Porém pela sua idade  
Já estava decadente.

Evaristo pelo braço  
 A um salão foi levado  
 Onde fêz a refeição,  
 Também ficando hospedado,  
 Como membro da família,  
 Num quarto amplo, arcjado.

Três dias depois, o môço  
 Fisicamente refeito,  
 Começaram os treinamentos,  
 Mustafá bem satisfeito  
 Por entender que Evaristo  
 Para lutar tinha jeito.

Evaristo com dois meses,  
 Mostrava disposição,  
 Entre os alunos do ringue,  
 Sustentava a posição,  
 Vencia três, quatro, cinco,  
 Com pinta de campeão.

A primeira luta pública  
 Foi contratada e aceita,  
 Com um lutador de fora  
 Para uma boa receita,  
 Num teatro da cidade,  
 A propaganda foi feita.

Contando doze vitórias,  
 O lutador era forte,  
 Chamado "Pulso de Ferro",  
 Oitenta quilos de porte,  
 Estúpido, violento,  
 Já tinha feito uma morte.

Com setenta e nove quilos,  
 Evaristo não temeu,  
 Quando começou a luta,  
 O tablado estremeceu  
 Logo no primeiro murro  
 Que "Pulso de Ferro" deu.

Evaristo foi às cordas,  
 Balançou mas não caiu,  
 "Pulso de Ferro" avançou  
 Outro golpe desferiu...  
 O rapaz cambaleando  
 À pancada resistiu.

Como que voltando a si  
 Evaristo desfechou  
 Um sôco em "Pulso de Ferro"  
 Que êle se desaprumou,  
 Voou por cima das cordas,  
 Lá no chão se estatelou.

Levantou-se muito rápido  
E pulou para o tablado  
Onde entre os dois novamente  
O combate foi travado  
Com tanta estupidez que  
Deixava o povo abismado.

O povo assistia mudo  
Ao combate desmedido,  
Não tinha tempo marcado,  
Era um embate renhido,  
Só havia vencedor  
Quando um caísse vencido.

Evaristo, pouco a pouco,  
Entrava na desvantagem,  
Muito cansado não dava  
Mais um murro de vantagem,  
Porém sustentava a luta  
Pela fé, pela coragem.

Titubeando, de pé,  
Sómente se defendia,  
Como um jequitibá velho  
Que um vendaval recebia,  
Naturalmente, aceitava,  
Balançava e não caía.

Enquanto "Pulso de Ferro"  
Batia sem desistir,  
Com uma chuva de socos,  
Esperando êle cair,  
Evaristo descansava  
Para tentar reagir.

Foi quando mandou um sóco,  
Na hora que reagiu,  
Pegando abaixo do queixo,  
"Pulso de Ferro" saiu  
Como quem levou um tiro,  
Junto das cordas caiu.

Rapidamente, o juiz  
Vendo o homem desmaiado,  
Contou de um até dez,  
Não o vendo recuperado;  
Com a vitória, Evaristo  
Teve o braço levantado.

Com palmas, gritos, aplausos,  
A assistência prorrompeu  
Dizendo: — Viva Evaristo,  
Um campeão que nasceu,  
Pela coragem, na raça,  
Essa batalha venceu!

É o campeão da coragem,  
 Repetia a multidão,  
 Assim ficou batizado  
 Desde aquela ocasião,  
 Daqui por diante, Evaristo  
 É o nosso campeão.

Foi profissionalmente  
 Agora viver feliz  
 Lutando com campeões,  
 Dentro e fora do país,  
 Vencendo e ficando rico  
 Como o seu destino quis.

Até que um dia, Evaristo  
 Foi se parar no Japão,  
 Numa noitada de festa,  
 Venceu mais um campeão,  
 De lá tomou um navio  
 Desembarcou em Cantão.

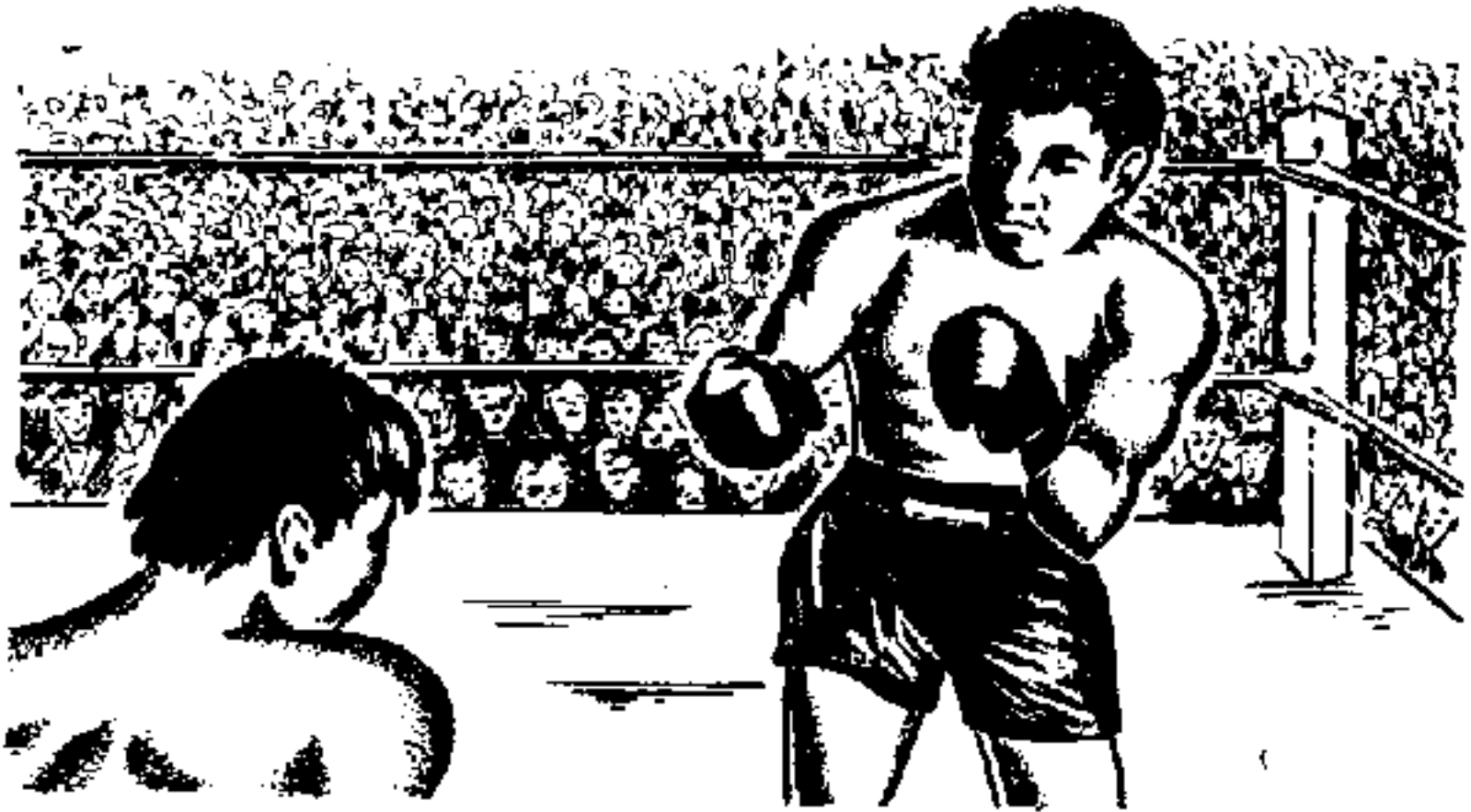
Jamais pensou que teria  
 O maior prazer da vida  
 Naquela terra estrangeira,  
 Cidade desconhecida,  
 Onde encontraria interna  
 A sua noiva querida.

Nem imaginou que haveria  
 De fazer u'a matança,  
 No monstro Pantera Negra  
 Que tinha em sua lembrança,  
 No derradeiro combate,  
 Na sua grande vingança.

Como tinha que lutar  
 Com o campeão chinês;  
 Lutou, venceu e voltou  
 Para o hotel japonês  
 Onde viu uma empregada  
 Com sotaque de francês.

Evaristo perguntou  
 Em francês à empregada  
 Se era francesa, dissesse,  
 Ela disse: -- Eu fui lesada  
 Por uma corja assassina,  
 Cheguei aqui raptada.

Desde que saiu da França  
 Contou tudo o que sabia,  
 Dizendo até mesmo que  
 Entre as escravas havia  
 Uma chamada Marluce  
 Que num hospital sofria.



Porque no dia que foram  
 Levadas para o leilão,  
 A caminho do mercado,  
 Bem no centro de Cantão,  
 Marluce pulou do carro  
 Estatelou-se no chão.

Deu na vista da polícia,  
 Os leilões foram parados,  
 Os antros de escravidão,  
 Sumariamente fechados,  
 A corja foi dissolvida  
 E os seus membros procurados.

Uns fugiram apavorados,  
 Quando viram a coisa feia,  
 Outros, menos avisados,  
 Foram parar na cadeia,  
 Dêses alguns se soltaram,  
 Outros morreram na peia.

Apenas Pantera Negra,  
 O chefe, o monstro assassino,  
 Vivia como um nababo,  
 Dono de um rico cassino,  
 Explorando a jogatina,  
 No meio mais libertino.

Marluce, segundo os médicos,  
Sofreu uma grande emoção,  
O susto traumatizou-a,  
Tirando tôda a noção,  
Só com outro choque igual  
Lhe chegaria a razão.

O nome Pantera Negra  
Era alcunha do corsário,  
Traficante de mulheres,  
Hoje o conde Belisário  
Que não sabe o que possui,  
Mil vêzes milionário.

Tôda a história da môça  
Evaristo agradeceu...  
Disse: — Amanhã pela noite  
Ele verá quem sou eu,  
Quando pagará com juros  
O pescoção que me deu.

Também contou para a môça  
O drama da sua vida  
Dizendo: — Quando eu vingar  
A minha honra ferida,  
Então irei procurar  
Minha Marluce querida.

Evaristo no cassino,  
Encheu na porta um fichário,  
Foi obrigado a mostrar  
Todo o seu documentário,  
Só entrou quando provou  
Ser rico, milionário.

Porque naquele cassino,  
Ninguém ouvia parola,  
Só ia capitalista  
De colête e de cartola,  
As vêzes, entrava rico,  
Saia pedindo esmola...

Evaristo entrou olhando  
Mais parecendo um otário  
Avistou Pantera Negra,  
O tal conde Belisário,  
Rodeado de parceiros,  
Orgulhoso, autoritário.

Em uma mesa de pôquer,  
Jogando como banqueiro,  
Traçando e dando o baralho,  
Passando a mão no dinheiro,  
Enquanto tinha uma nota,  
Não levantava um parceiro.

Todo aquêlê movimento  
Evaristo observou,  
Muitas mulheres bonitas,  
Behen um pouco e dançou,  
Entrou no jôgo de pôquer,  
A sua vez esperou.

Paradas e mais paradas,  
O tempo ia se passando,  
Com os parceiros perdendo,  
Um a um se levantando,  
Liso deixando o cassino,  
Os salões se esvaziando.

Todo o povo foi embora,  
Assim acabou-se a festa,  
Ficou sômente Evaristo,  
Numa aparência modesta,  
Com o dono do cassino,  
Jogando de testa a testa.

Nisso o conde Belisário,  
Vendo o jôgo com demora,  
Chamou os seus empregados  
E mandou tudo ir embora,  
Trancou a porta dizendo:  
— Aqui eu não tenho hora.

Era aquilo justamente  
O que o nosso herói queria,  
Quando os dois ficaram a sós,  
Perguntou com a voz macia  
Se o conde estava lembrado  
Dêle e se o reconhecia?

Pantera Negra assombrado,  
Transformado agora em conde,  
Pulou de costa dizendo:  
— Quem é você, vem de onde?  
Evaristo disse: — Veja  
Se a consciência responde?

Tremendo, batendo o queixo,  
O conde respondeu: — Não!  
Evaristo disse: — Eu sou  
Aquêlê que no salão,  
Depois de bater em seis,  
Você deu-me um pescoção!

Quando era Pantera Negra,  
 Que vivia lá na França,  
 Chefiando uma quadrilha,  
 Você se tem na lembrança?  
 Por ter me roubado a noiva,  
 Vim tomar minha vingança.

O conde afastou dizendo:  
 — Eu sou filho de Sevilha,  
 Nunca passei pela França  
 E nem chefiéi quadrilha,  
 Não sei o que está falando,  
 O senhor perdeu a trilha?

Evaristo disse: — Agora,  
 Não queira se desculpar,  
 Eu tenho tôda a certeza  
 E você vai me pagar,  
 Ou bate em mim ou apanha  
 Até a barra quebrar.

Os murros que recebi  
 Daquela corja nojenta,  
 De cada um você vai  
 Agora levar cinquenta,  
 No fim mais uma gorjeta,  
 Pelo pescoção, setenta...

O conde abriu bem os olhos  
 Disse: — Você tem razão,  
 Eu sou o Pantera Negra  
 Que lhe dei o pescoção,  
 Agora vou lhe arrancar  
 A cabeça e o coração.

Nisso partiu como um louco  
 Exibindo a pabulagem,  
 Evaristo disse: — Aqui  
 Você não terá vantagem,  
 Vai enfrentar os dois pulsos  
 Do campeão da coragem.

Pantera Negra, parece  
 Que ao rapaz não entendeu,  
 Com força e agilidade,  
 Subiu o braço e desceu,  
 O môço com a mão direita  
 O bofetão rebateu.



O Pantera recebendo  
O rebate de Evaristo  
Sentiu um choque no braço,  
Como não tinha previsto,  
Um murro com tanta força  
Ele nunca havia visto.

Rapidamente Evaristo  
A outra mão movimentou,  
Deu-lhe um direto cruzado  
Que a pancada violenta  
Pegou entre um olho e outro,  
Por cima do pau-da-venta.

Pantera titubeou,  
Grogue, porém não caiu,  
Estrélas de várias cores  
Cobrindo Evaristo viu,  
Como um louco, atordoado,  
Contra o rapaz investiu.

Com socos e ponta-pés,  
Rasteiras e cabeçadas,  
Corpo-a-corpo, punho-a-punho,  
Rabos-de-arraia, pancadas,  
Verdadeiro vale-tudo,  
Incluindo as cadeiradas.

Pantera Negra avançava,  
Quando Evaristo batia,  
Revidava murro a murro,  
Sôco a sôco, rebatia,  
Topava pelas paredes,  
Envergava e não caía.

Pantera se defendendo,  
Tudo quanto ele pegava,  
Cadeira, mesa, garrafa,  
Em Evaristo jogava,  
O rapaz se desviando  
Cada objeto passava.

Ágil, treinado e veloz,  
Evaristo era uma fera,  
Batendo com as duas mãos,  
Não dava fuga ao Pantera  
Que ia vendo o seu rosto  
Virando numa tapera.

Bôca ferida, sangrando,  
Olhos roxos, muito inchados,  
Querendo saltar das órbitas,  
Vermelhos, esbugalhados,  
Língua de fora, babando,  
Dentes caindo, quebrados.

Pantera ia pouco a pouco  
Perdendo a mobilidade,  
O rapaz disse: — Se mexa,  
Não dei ainda a metade  
Dos murros que necessito  
Para matar a vontade!...

Tenha coragem, bandido,  
Seja homem, se defenda,  
Vou continuar batendo  
Nesta sua cara horrenda  
Até deixá-la amassada  
Como cana na moenda.

Enquanto Pantera Negra  
Continuava apanhando,  
Já não levantava os braços,  
Sòmente cambalcaudo,  
Evaristo ia batendo  
Todos os murros contando.

Dando a conta que queria,  
De gorjeta mais setenta,  
Disse: -- Bandido, você  
Outra desta não agüenta,  
Se não morrer necessita  
Botar uma nova venta.

Pantera titubeando,  
Como quem dançava um mambo,  
Recebeu um sôco forte,  
Ficou com o corpo bambo,  
Dobrou as pernas, caiu...  
Como um saco de molambo.

Evaristo disse: — Velho,  
Não faça uma coisa desta!  
Não abandone o banquete  
Na hora melhor da festa!  
Eu ainda tinha um murro  
Para lhe quebrar a testa!

Ouvindo a voz de Evaristo,  
Pantera nada responde,  
Na sua vida de roubo,  
Passou de Pantera a conde,  
Quase morto, nesse estado,  
Vai parar não sabe aonde.

Evaristo nesse instante,  
Pondo em risco o seu destino,  
Telefonou à polícia  
Dizendo: — Estou no cassino  
Aonde fui atacado  
Por um ladrão assassino.

Sendo informada, a polícia  
Rapidamente chegou,  
Tendo à frente o delegado,  
Quebrou a porta e entrou,  
Evaristo calmamente  
Tôda a embrulhada contou.

Disse detalhadamente  
Desde a quadrilha na França,  
O sumiço de Marluce,  
A “caçada”, a esperança,  
O encontro com a fera,  
Concretizando a vingança.

O delegado sabendo  
Apenas só fêz dizer:  
— O senhor fêz como um homem  
Precisava de fazer,  
Isso mais cedo ou mais tarde  
Teria de acontecer...

Porque êsse falso conde  
Conheço bem quem é êle,  
Pelos crimes praticados,  
Ninguém confiava nêle,  
O povo vivia louco  
Para se ver livre dêle.

Ainda vive porém  
Pela surra que levou,  
Vou pô-lo no hospital,  
Se lá morrer, se acabou,  
Apenas pagou um crime  
Dos muitos que praticou.

O senhor pode ir embora,  
Por mim está despachado,  
O que aconteceu aqui  
Foi um fato consumado,  
A liquidação de um débito  
Pela honra resgatado.

Vá procurar sua noiva  
Para levá-la a Paris,  
Veja se pode salvá-la,  
Ao chegar no seu país,  
Esqueça as dores sofridas.  
Case-se e seja feliz.

Evaristo agradeceu,  
Apesar de machucado  
Com pequenos ferimentos,  
Saiu muito confortado,  
Só pensando em ver Marluce  
Para saber seu estado.

O sol estava nascido,  
Seguiu para o hospital  
Lá conversou com os médicos  
Soube de tudo afinal,  
Como era que poderia  
Salvar Marluce do mal...

Foi preparado um encontro  
Dos dois a sós num salão  
Onde Evaristo teria  
De causar uma emoção  
Com que fizesse Marluce  
Voltar à sua razão.

O estado de Marluce  
Era como envergonhada,  
Andava como sonâmbula,  
Não dava atenção a nada,  
Como quem sonhava longe,  
Numa impressão mergulhada.

A porta aberta, ela entrou  
Como quem ia dormindo,  
Na frente dela Evaristo  
Apresentou-se sorrindo,  
Ela parou assustada...  
O corpo se sacodindo.

A moça abriu bem os olhos  
Como que se lembrava  
De uma coisa parecida  
Que a consciência acusava,  
À sua mente nublada  
A lembrança iluminava.

Evaristo abriu os braços  
Ficando em forma de cruz,  
Marluce sentiu um choque  
Ao lembrar de Jesus  
Como quando quebra a fita  
No cinema e apaga a luz.

Clareou a consciência,  
Fugindo a escuridade,  
Como saindo de um sonho,  
Na sua mentalidade,  
Marluce viu despontar  
O sol da realidade.

Reconheceu Evaristo,  
Como sonhando acordada,  
Partiu chorando e sorrindo,  
Numa louca disparada,  
Jogou-se nos braços dele,  
Agora estava curada.



**Um mestre para os enamorados:**

# **Secretário do Amor**

Moderno e completo

Atualizado e atraente

Realmente útil

Fórmulas de cartas para todos os períodos do namoro e do noivado.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.  
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 — SÃO PAULO-6

**Seleções de**

# **CARTAS DE AMOR**

Apresentando uma nova série de famosos "scripts" das "Cartas de Amor", de Fred Jorge, tão apreciadas quando de suas transmissões pela Rádio São Paulo.

Inspirado!... Terno!... Arrebatador!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELÚDIO LTDA.  
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 — SÃO PAULO-6

5052

**VOCÊ SABE PROCURAR**  
**A POLÍCIA EM SEUS INÚMEROS**  
**SETORES,**  
 PRINCIPALMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E  
 O LOCAL DA OCORRÊNCIA?



VOCÊ SABE PROCURAR O SERVIÇO MÉDICO GRATUITO (PRONTO SOCORRO), SOBRETUDO EM SE TRATANDO DA NATUREZA DO EVENTO?



VOCÊ POSSUI, EM SUA RESIDÊNCIA, OS ENDEREÇOS E TELEFONES DE MAIOR EMERGÊNCIA?



VOCÊ SABE TRATAR DE SEUS DOCUMENTOS, INCLUSIVE AQUELES QUE SÃO EXPEDIDOS PELA POLÍCIA, SEM TER DESPESAS COM INTERMEDIÁRIOS?  
 VOCÊ SABE PREVENIR-SE CONTRA AS ARTIMANHAS DOS MALANDROS ESTELIONATÁRIOS?

VIVA COM MAIS SEGURANÇA SENDO BEM INFORMADO. TENDO SEMPRE À MÃO O

**MANUAL PRÁTICO**

**SOCIAL — MÉDICO — POLICIAL**

A venda em todas as livrarias, ou diretamente na

EDITORA PRELUDIO LTDA. - R. Ipanema, 772 - Fones: 92-7613 e 93-1374 - São Paulo-6

No centro da cidade de São Paulo: — Distribuidora Lamana, à Rua do Seminário, 177

Venda  
 Estação D. Pedro II  
 Loja N.º 4 - Guanabara

SNB